

# MATURIDADE E EXPERIÊNCIA EM ATIVIDADES INFORMAIS DE BAIXA RENDA<sup>1</sup>

*Iracema Brandão Guimarães*

## INTRODUÇÃO

Embora não seja um fenômeno numericamente expressivo, a permanência dos mais velhos no mercado de trabalho tem sido observada como um prolongamento da vida produtiva que nem sempre ocorre por opção. Com mais frequência, trata-se de conseqüências do declínio do poder aquisitivo, que tem sido contínuo para diferentes camadas da sociedade, ou de conseqüências do aumento do desemprego, principalmente entre as novas gerações, fenômeno esse que vem trazendo conseqüências dramáticas. Dados recentes chamam a atenção para esse tipo de pressão econômica existente sobre os mais velhos: aproximadamente 24% das famílias brasileiras correspondem àquelas em que um idoso é o chefe, ou cônjuge, correspondendo a “famílias de idosos” (Camarano; Ghaouri, 2003).

<sup>1</sup> Para a concretização do presente trabalho, a autora contou com o apoio do CNPQ, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Agosto, 2004.

A proporção significativa de chefes de família idosos no total do país certamente inclui os aposentados e pensionistas, mas aí se encontram também incluídos aqueles que continuam exercendo alguma atividade econômica. Assim, a permanência (ou reinserção) dos mais velhos no mercado de trabalho indica que se recorre cada vez mais a alternativas de trabalhos irregulares, precários, informais, ou a prolongamentos das jornadas de trabalho, uma vez que tais situações se intensificam com a crescente desregulamentação do mercado.

Se os motivos que levam a prolongamentos da vida produtiva e à permanência dos mais velhos no trabalho podem ser muitas vezes semelhantes – seja como responsável pela família ou domicílio, seja por opção individual, pelo desejo de manter uma atividade produtiva – são diferentes, no entanto, as oportunidades de trabalho por eles encontradas. Torna-se, então, importante conhecer as condições de trabalho prevalentes em função da classe social na qual os indivíduos se

situam, já que o fato de viver e trabalhar na cidade, exercendo atividades informais, de baixa renda, por um longo período, corresponde a uma situação social específica – no sentido da situação de classe de Bourdieu (1983, p. 61):

Alguns traços apresentados pelos grupos sociais dependem da situação de classe (tendo como ponto de partida os grupos definidos por sua situação nas relações de produção). A identidade das condições de existência tende a produzir sistemas de disposições semelhantes, o que confere às práticas e obras certa regularidade e objetividade.

Alguns desses sistemas de disposições semelhantes mantêm certa correspondência com a inserção dos indivíduos em atividades irregulares e precárias, favorecendo-a em função do domínio de conhecimentos pessoais, de relações familiares, de amizades e, às vezes, de vizinhança. Do mesmo modo, esses sistemas de disposições podem conduzir a uma permanência nessas atividades. Nesses casos, a permanência, ou prolongamento da vida produtiva, pode ser resultante do desenvolvimento de práticas, conhecimentos, e estratégias de trabalho e de vida que se consolidam através da experiência adquirida com a idade e se tornam elementos importantes para assegurar mecanismos de sobrevivência. Essa é uma questão sobre a qual buscamos refletir no presente trabalho.

Para fundamentá-la, entendemos que esse tipo de experiência – referida ao conjunto das disposições e práticas – parece ser comum a boa parte dos vendedores ambulantes que exercem sua atividade por longos períodos nos principais pontos do centro da cidade de Salvador e em outros pontos de concentração do trabalho, sendo, também, um tipo de experiência comum a muitos dos pequenos comerciantes e prestadores de serviços que atuam na feira de São Joaquim, considerada a mais antiga dessa cidade. A sua abordagem se deu em uma pesquisa realizada sobre o trabalho informal em Salvador, na qual enfatizamos a sua relação com as condições de vida da população pobre da cidade. Posteriormente, definimos a atual separação dos dados por idade e sexo, com o objetivo de atender à necessidade de melhor precisar as nossas reflexões sobre geração e gênero.

Entre os vendedores ambulantes pesquisados,<sup>2</sup> quase a metade (84 em 191) encontra-se acima de 40 anos, havendo, entre eles, uma maior participação masculina. Acima dessa faixa, encontramos 9 ambulantes com mais de 60 anos, entre os quais se encontra apenas uma mulher. Já entre os de São Joaquim (abordados em um estudo de caso realizado com um número menor de entrevistas), encontramos feirantes antigos, um dos quais se encontra com mais de 80 anos de idade, em plena atividade, mas poucos casos de mulheres acima dos 60 anos.

Para dar conta de algumas das reflexões aqui mencionadas sobre “as idades”, buscamos nos apoiar em trabalhos de Motta e voltamos a textos de Bourdieu (1996, p. 190):

Não podemos compreender uma trajetória (isto é, o envelhecimento social que, embora o acompanhe de forma inevitável, é independente do envelhecimento biológico) sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado.

Para Bourdieu, “as classificações por idade acabam sempre por impor limites e produzir uma ordem onde cada um deve se manter... em seu lugar” (Bourdieu, 1983 *apud* Motta, 1996). Também, para Motta, “enquanto fases da vida, idades são criadas, assim como as funções e atribuições preferenciais para cada fase ou grupo de idade, na divisão social do trabalho e nos papéis na família”

<sup>2</sup> Essa pesquisa ocorreu entre o final de 2002 e início de 2003, tendo sido aplicados um total de 191 questionários com vendedores ambulantes que trabalham nos seguintes locais: a) Avenida Sete de Setembro e ruas paralelas, situadas no centro comercial da cidade de Salvador; b) Estação Rodoviária e Shopping Iguatemi, no viaduto que liga os dois locais; c) Estação da Calçada, situada na Cidade Baixa; d) Bairro da Liberdade, rua Lima e Silva, um bairro popular tradicional da cidade. Essa pesquisa abrangeu um leque bastante amplo de questões, cujo objetivo era conhecer as condições de trabalho e de vida dos ambulantes e de algumas outras categorias de trabalhadores considerados informais de baixa renda. A sua realização se deu como projeto associado ao de Maria da Graça Druck, no Centro de Recursos Humanos, ambos com o apoio do CNPq. Posteriormente, em projeto individual de pesquisa do CNPq, “As atividades informais: uma abordagem sobre trabalho e condições de vida no meio urbano”, realizamos um estudo de caso com um número menor de feirantes de São Joaquim, visando a dar continuidade aos nossos objetivos de pesquisa.

(Motta, 1996, p. 125). Assim, nos dois grupos ocupacionais aqui focalizados, consideraremos os sexagenários e seus anteriores como uma geração, entendendo-a aqui a partir de um conceito que permite compreender a transmissão de conhecimentos, a transmissão de experiências e de diferentes práticas sociais. Essa compreensão está presente em Balan; Jelin (1980):

as continuidades da vida de uma pessoa ultrapassam a simples situação de seu próprio ciclo de vida; elas implicam, por exemplo, nas relações entre pais e filhos, as quais podem ser compreendidas mediante o conceito de geração.

Embora esse seja um conceito amplo e comporte muitos outros significados, adotamos a concepção citada porque permite destacar a importância das relações sociais consideradas primárias, seja para o ingresso em atividades informais, (a tradição familiar, os parentes e conhecidos que ajudaram no início da atividade), seja para a permanência nas mesmas (a experiência na atividade que se consolida com a idade), ou ainda, no papel de provedor do grupo familiar, freqüentemente o fator que prevalece, condicionando a permanência na atividade após os 50, ou principalmente, após os 60 anos.

Passamos, então, a compreender que as atribuições etárias são vividas de formas diferenciadas, de modo que as condições de maturidade e de velhice respondem a trajetórias, tanto individuais, quanto de classe. A noção de experiência se converte, assim, em mediadora de elementos estruturais, estruturantes, e individuais.

As relações entre as grandes transformações sociais e as trajetórias individuais não são diretas, pois existem as estruturas e mecanismos sociais intermediários. As trajetórias individuais e histórias de vida podem dizer muito sobre o funcionamento cotidiano de uma sociedade dada e sobre as configurações de suas mudanças ao longo do tempo. (Balan; Jelin, 1980, p. 272).

Para isso, distinguem-se uma historicidade linear e uma historicidade cíclica. “A primeira seria criada pelo exercício e desenvolvimento do poder. Já a segunda seria a historicidade da vida cotidiana, e dos diversos ciclos repetitivos que a compõem: a jornada, a semana, as estações, o ano,

a vida inteira, as gerações” (Bertaux-Wiame *apud* Balan; Jelin, 1980, p. 275).

Essas questões nos indicam que os dados de entrevistas e histórias de vida de que trataremos adiante recolhem eventos reais, inseridos no mundo urbano contemporâneo, onde a entrada ou a saída do mundo do trabalho, tanto quanto os acontecimentos correlatos, são eventos aos quais correspondem práticas sociais, e por isso, não se podem considerá-los (sociologicamente) apenas como eventos individuais.

### **MATURIDADE E ATIVIDADES INFORMAIS - EM BUSCA DE UMA RELAÇÃO**

Segundo Cacciamali (1991), dois tipos de fenômenos distintos têm sido abordados sob o rótulo de “setor informal”. Por um lado, define-se esse setor como um conjunto de atividades onde não há separação nítida entre capital e trabalho, ou seja, o produtor direto simultaneamente executa e administra uma atividade econômica. Por outro, esses setores são interpretados pela indicação das atividades econômicas que fogem da regulação do Estado – formulação surgida no final dos anos 80 nos países industrializados – e que ganhou a denominação de “economia subterrânea, submersa ou invisível”. Retomando o debate, posteriormente, Cacciamali (2001) considera que as críticas ao dualismo – que se expressa no rótulo setor informal, quando definido por oposição ao setor formal do mercado de trabalho –, reportam-se, ao invés de a um objeto de estudo, à análise de um processo de mudanças estruturais em andamento na sociedade. São essas mudanças que a autora passa a denominar de processo de informalidade – do qual decorrem dois fenômenos associados ao mercado de trabalho: a reorganização do trabalho assalariado, o auto-emprego e outras estratégias de sobrevivência, sendo esse último caso aplicável aos dois grupos ocupacionais focalizados no presente trabalho.

O ponto específico que buscamos aqui apreender refere-se ao ingresso e permanência de pes-

soas mais velhas em atividades consideradas informais, uma questão que já foi abordada em outros estudos. Entretanto, cabe esclarecer que os grupos ocupacionais e geracionais aqui focalizados são formados por indivíduos que exercem determinada atividade por longo período e também por aqueles que passaram a exercê-la após certa fase da vida, algumas vezes após ter saído de um emprego formal, de uma atividade assalariada. Torna-se, então, necessário cotejar essa observação com os resultados de outros estudos já realizados, destacando a existência desse traço comum. Como indicamos a seguir, a atividade informal, o pequeno negócio, ou o trabalho por conta própria, parecem favorecer o ingresso de pessoas mais velhas, talvez por restrições de idade ao seu ingresso em empresas privadas ou no setor público.

Por exemplo, Silva e Barbosa (2001), constataram que 2/3 da mão-de-obra informal existente no Rio de Janeiro é formada por homens, com idades entre 25-59 anos. Porém mais de 50% deles se encontram na faixa de 40 anos ou mais. Isso leva os autores a considerarem dois aspectos: o peso da idade pode ser um fator limitante para a permanência prolongada no setor formal da economia; ao mesmo tempo, o domínio por esse contingente de trabalhadores de uma experiência profissional lhes permite criar meios autônomos de sobrevivência. Para os nossos objetivos, isso configura uma experiência, adquirida com a idade, que se torna, então, um elemento importante para a criação dos tais meios, constituindo-se, assim, em um tipo de competência.

A atenção para esse tipo de detalhe nos mostra que a inserção no mercado informal de trabalho não pode ser vista como produto da incapacidade dos trabalhadores que o integram de conseguir um emprego formal.<sup>3</sup> Segundo o estudo do FIBGE (1997), as razões da permanência nessas

atividades são: a busca pela independência, o desejo de escapar do controle de um patrão e a melhoria dos rendimentos. Além desses, dois outros fatores são igualmente importantes: o peso da tradição familiar e da experiência profissional adquirida (FIBGE, 1997).

Razões semelhantes já vinham sendo apontadas por Sorj (1990), que questiona a existência de relação direta entre o crescimento da informalidade (como opção forçada) e a reestruturação produtiva. Para essa autora, a informalidade pode se configurar como opção face ao agora, ao imediato, onde o ganho é incerto, porém, às vezes, mais elevado. Em um estudo realizado sobre os vendedores ambulantes no Rio de Janeiro, constatou-se que um dos critérios mais comuns para a sua seleção se apóia nas relações familiares.

Esse mecanismo não atende apenas à expectativa de aumento da renda familiar, mas é um produto direto do funcionamento de uma empresa em condições de ilegalidade, exigindo relações de lealdade intra-pessoal e de confiança mútua que são atendidas pelas relações de parentesco. (Sorj, 1990, p. 27)

Quanto às atividades informais existentes em Salvador, a sua historicidade, tanto no comércio como nos serviços, indica que são exercidas de diferentes formas, mas sempre consideradas as principais possibilidades de inserção dos indivíduos no mercado de trabalho local.<sup>4</sup> O acesso de trabalhadores mais velhos a esse tipo de atividade também já vinha sendo mostrado em estudos sobre o trabalho nessa cidade. De fato, a realização de ocupações autônomas por chefes de família foi observada entre as décadas de 70 e 80 para Salvador, mostrando-se a sua relação com o aumento do número das famílias maiores (seis a dez componentes), o que indicava, por sua vez, a existência de uma relação entre o trabalho por conta pró-

deverem às restrições da economia formal. A maioria deles permanece na informalidade por razões específicas, acima mencionadas. Esse argumento também é debatido por Silva e Barbosa, 2001.

<sup>4</sup> Além de outros estudos anteriores, queremos destacar aqui, no trabalho "Bahia de Todos os Pobres", o texto de Inaiá M. de Carvalho e Guaraci Adeodato de Souza (1980) que enfatizou essa relação local entre informalidade e pobreza.

<sup>3</sup> O argumento relativo à "incapacidade dos trabalhadores que o integram de conseguir um emprego formal" remete à discussão sobre baixa qualificação e escolaridade que dificultariam o acesso a um emprego. Esse tipo de argumento vem sendo contestado. A pesquisa do FIBGE, A Economia Informal (1997) apresentou dados que indicam que apenas cerca de 20 % de seus trabalhadores menciona que a sua atividade e inserção nesse setor se

pria e o ciclo de vida familiar, mediante a predominância de trabalhadores mais velhos como seus provedores (Guimarães, 1991). Mais adiante, mostrou-se que os trabalhadores informais nessa cidade exercem suas atividades sozinhos ou com familiares e sócios, e são, predominantemente, trabalhadores mais velho, com maiores chances de inserção nessas atividades. Destaca-se, nesse caso, como o fator idade tende a aumentar as chances de os indivíduos serem bem sucedidos como trabalhadores autônomos, bem como o papel exercido pela família – um chefe provedor mais velho, ocupado como autônomo, na manutenção de membros não ativos (filhos ou agregados sem ocupação). (Almeida; Azevedo, 1999).

Passamos, então, a compreender que as atribuições etárias são vividas de formas diferentes, de modo que as condições de maturidade e de velhice respondem a trajetórias com pontos comuns. O acesso e a permanência de trabalhadores mais velhos em atividades informais podem, então, ser repensados a partir das entrevistas e histórias de vida realizadas recentemente.<sup>5</sup> Longe de consistir em alguma regra geral, os dados parecem melhor indicar o interesse de se reconsiderarem tendências e padrões consagrados quanto à relação entre o ciclo de vida e o mercado de trabalho.

Um breve perfil do primeiro grupo ocupacional já mencionado indica que o comércio ambulante é um setor de atividades bastante heterogêneo. Comparando-se com o estudo de Sorj (1990, p. 25), para o Rio de Janeiro, percebe-se que essa autora observou a existência de três tipos de situações entre os ambulantes cariocas: o titular da barraca, seus ajudantes e o vendedor credenciado.

<sup>5</sup> Os questionários aplicados aos vendedores ambulantes e algumas outras atividades, foram realizados por uma equipe de bolsistas do Pibic/CNPq que atuavam nos projetos mencionados: José Carlos Exaltação, Márcio Nicory Souza, Misael de Souza Santos, Luiz Paulo J. Oliveira, Theo da Rocha Barreto, Bruno Durães. Quanto às entrevistas e histórias de vida dos feirantes, foram realizadas por Márcio Nicory Souza e Flávia Deodato Silva. A partir dos dados coletados, estarão sendo realizadas uma dissertação de mestrado (Luiz Paulo, 2005) e uma monografia de graduação (Marcio Nicory Souza, 2005). Anteriormente, Carla Liane Silva (2002) realizou dissertação de mestrado sobre os ambulantes, tendo destacado o tempo de permanência na atividade para alguns de seus entrevistados.

O primeiro grupo (titular) é constituído pelos vendedores que estabelecem um ponto fixo de venda, licenciado ou não; os ajudantes trabalham para um titular na mesma barraca ou em barracas por ele controladas e são assalariados ou comissionados; e o terceiro (vendedor credenciado), que vive da renda do aluguel do seu ponto credenciado.<sup>6</sup>

Os vendedores ambulantes pesquisados em Salvador parecem, em sua maioria, enquadrar-se na primeira situação acima – têm um ponto fixo de venda, são donos da barraca, da caixa, ou da mercadoria em apreço (81,9%). Em menor número, o dono do ponto de venda é um parente (18%), e poucos trabalham para um comerciante que possui outros pontos no comércio ambulante. Nessas últimas situações, a condição de ajudante pode funcionar como critério para permanecer ou não na atividade. É nessa condição que se inicia o contato e são adquiridos os conhecimentos necessários ao empreendimento.

A localização do ponto de venda corresponde, na maioria dos casos, a uma barraca padronizada. Situada em ruas principais da cidade, atendendo às exigências da Prefeitura Municipal (53,4%). Mas, entre os ambulantes que atuam em outras ruas, que não passaram pela intervenção da Prefeitura, são eles próprios que definem o seu local ou ponto de venda (40,3%). No primeiro caso, as barracas, caixas ou tabuleiros se encontram submetidos à fiscalização do poder público e, por isso, a atividade tem registro na maior parte dos casos (67,4%), embora também se possa realizá-la sem o registro (32,6%) – ou seja, a inscrição ou cadastro (49,2%) e o pagamento de taxa ou imposto (44,3%).

Como em qualquer atividade realizada no comércio, a relação com o cliente é percebida como fator importante. E, talvez, como parte do sistema de disposições semelhantes (Bourdieu) que mantêm certa correspondência com a inserção dos indivíduos em atividades irregulares e precárias, a

<sup>6</sup> Outro estudo realizado sobre os vendedores ambulantes “Serviços e Informalidade: o comércio ambulante no Rio de Janeiro”, de Hildete Melo e Jorge Teles, 2000, apresenta dados sobre esse segmento que são convergentes com a pesquisa realizada para Salvador.

prática da maioria dos ambulantes consiste no bom tratamento (51,3%), enquanto outros se limitam à exposição da mercadoria (18,6%), mas poucos apelam para a inovação, como colocar placa, cartaz, distribuir panfletos (10,10%).

Um breve perfil do segundo grupo ocupacional já mencionado – os feirantes de São Joaquim, quando comparados aos ambulantes – indica que eles apresentam características mais próximas ao que geralmente se pensa sobre o trabalho informal, a exemplo da baixa escolaridade dos seus trabalhadores, e a predominância de egressos do meio rural.<sup>7</sup> Os relatos coletados entre os mais velhos feirantes – uma geração – remetem ao incêndio ocorrido na feira em 1964 e, segundo documentos oficiais, um termo de cessão foi assinado entre as Docas, Prefeitura Municipal e Sindicato dos Feirantes e Ambulantes da cidade do Salvador, fazendo com que a administração da mesma ficasse sob a tutela desse último (Lobo *et al.*, 1992). Como um centro semi-atacadista de venda de alimentos, a feira mantém os menores preços da cidade, continuando a funcionar como uma teia de relações econômicas e sociais específicas e singulares, que podem ser compreendidas segundo o papel central exercido pelos “comerciantes atacadistas” – aqueles que compram mercadorias em outros estados, podem realizar algum beneficiamento do produto (a exemplo da moagem de milho) e também o seu armazenamento e condicionamento. Esse seria “o elo principal de ligação da feira ao universo exterior e o principal sustentáculo para o seu abastecimento”. Parte desses comerciantes fornece mercadorias aos varejistas, aos ambulantes e a consumidores diretos que desejam e podem comprar no atacado. Além disso, no seu circuito de compradores encontra-se grande parte dos donos de mer-

cearias e feirantes de bairros populares da cidade (Lobo *et al.*, 1992, p. 26).

A organização interna da feira se compõe dos atacadistas, a exemplo daqueles que trabalham exclusivamente com cereais, que são mais tradicionais, mais antigos e melhor instalados, tanto física quanto comercialmente. São geralmente empresários que lidam com certos tipos de mercadorias. Encontram-se instalados no centro da feira e seus boxes são ampliados, reformados, bastante diferentes do padrão inicial e devidamente aparelhados: telefones, escritório do proprietário, caixa-forte, ventiladores, condicionadores de ar, iluminação fluorescente. Em condições opostas à dos atacadistas de cereais estariam os comerciantes de hortifrutigranjeiros, pois não possuem equipamentos ou instalações, localizam-se na parte externa da feira, e negociam preferencialmente com os ambulantes. (Lobo *et al.*, 1992, p. 26-27). Existe, hoje, uma aglomeração de barracas de chapa ou palafitas, as quais abrigam também o comércio de pescados, recentemente ameaçado de transferência, como foi noticiado nos jornais locais nos últimos meses.<sup>8</sup>

### **PERMANÊNCIA OU REINserÇÃO OCUPACIONAL – experiência de uma geração?**

Entre os vendedores ambulantes abordados na pesquisa (191 pessoas), 44 % encontram-se acima de 40 anos de idade, existindo, entre eles, uma pequena predominância masculina (66 %). A diferença de participação entre os sexos se reduz ligeiramente no grupo acima dos 40 anos, já que 61 % são homens e 38 % são mulheres, o que sugere as seguintes possibilidades: as mulheres ingressaram com mais frequência no comércio ambulante

<sup>7</sup> Em relação à Feira de São Joaquim, sua origem remete ao período de 1920-30 com o nome de Feira do Sete, por localizar-se no sétimo armazém das Docas da Bahia. Posteriormente, chamou-se “Água de Meninos” e, por volta de 1964, após um incêndio, seus trabalhadores foram transferidos para o local atual, uma enseada com o nome de São Joaquim. Um levantamento cuidadoso sobre essa feira está sendo realizado para a monografia de bacharelado “Velhos Trabalhadores, Velhas Atividades”, de Marcio Nicory Costa Souza, 2005.

<sup>8</sup> Segundo informações existentes, atualmente trabalham nessa feira 7.500 pessoas em variadas atividades. No ano de 2004, algumas propostas foram levantadas pelos comerciantes locais, no sentido de transformá-la em monumento cultural a ser tombado pelo Iphan. Ao mesmo tempo, circulavam informações de que projetos do governo deveriam passar por essa área – referindo-se basicamente à ampliação do Porto de Salvador e à Via Náutica, que podem interferir na sua localização. Jornal A Tarde, 7/06/2004: “Feira com status de patrimônio”

nas décadas anteriores, ou elas ingressam mais velhas, como reinserção ocupacional, o que será abordado adiante.

Como buscamos mostrar, as entrevistas e histórias de vida recolhem eventos reais que devem ser vistos em sua correspondência com práticas sociais existentes nos grupos aos quais se relacionam os indivíduos. Assim, comparando-se as diferentes faixas etárias superiores aos 40 anos com o total dos ambulantes da pesquisa, verifica-se que a proporção dos que nasceram em Salvador é menor no grupo mais velho (38 %). Isso sugere que a entrada de migrantes rurais nesse tipo de atividade informal era maior nas décadas anteriores e se reduziu recentemente. Além disso, no grupo mais velho, como no total, há uma predominância de pessoas com escolarização correspondente ao 1º grau incompleto, mas entre aqueles existem mais pessoas com 2º grau completo (21 %), tanto quanto existe um pouco mais de analfabetos (8 % no grupo mais velho e 4 % no total). Cabe registrar a existência de 3 ambulantes pesquisados que dizem possuir o curso superior completo, o que dirigiria a atenção para o seu ingresso no comércio ambulante, independentemente da escolarização.

Importante, ao traçar esse breve perfil, é a identificação cor-raça dos ambulantes e feirantes. Metade dos primeiros, que se encontram acima dos 40 anos, se identifica como pardos, e mais cerca de 30 % deles se identificam como negros – ou seja, cerca de 80 % do grupo mais velho é identificado como afro-descendente. Eles residem principalmente em bairros como o centro da cidade (15 %), Brotas (14 %) e Subúrbio Ferroviário (11 %), e também no Cabula, Cajazeiras, Liberdade, Pau da Lima ou Federação.

Retomando as observações sobre a geração em foco, lembramos que existem pessoas que já exercem essa atividade por longo período, e aqueles que passaram a exercê-la após certa fase da vida, algumas vezes após ter saído de um emprego formal, de uma atividade assalariada. Essa diferença nos permite voltar à possibilidade levantada anteriormente – identificar aqueles que ingressaram, com mais frequência, no comércio ambulante nas

décadas anteriores, ou aqueles que, em menor número, ingressaram mais velhos, caracterizando situações de reinserção ocupacional.

Na primeira situação, encontra-se boa parte dos ambulantes que estão acima dos 40 anos, exercendo essa atividade por um período de 6 a dez anos (32 %), enquanto outros a exercem por um período de 1 a 5 anos (20 %). Aqueles que estão nesse tipo de informalidade há mais de 10 anos correspondem a 41 % dos ambulantes entrevistados. Essa permanência foi, no entanto, antecedida pela realização de outras atividades. Para alguns, o comércio ambulante não foi a primeira experiência profissional, restando verificar o tipo de atividade anterior para se reforçar ou não a probabilidade de reinserção ocupacional.

Isso pode ser percebido melhor a partir da composição por sexo, focalizada segundo o tempo de atividade no comércio ambulante, para a faixa etária acima dos 40 anos, percebendo-se que a maior parte das mulheres atua no comércio ambulante entre 1 a 5 anos (37%) e entre 6 a 10 anos (31 %), predominando um ingresso mais recente. Quando se consideram os dados em cada período de tempo, a incidência por sexo reforça essa relação: entre 1 a 5 anos, as mulheres perfazem 70 % do grupo mais velho que atua no comércio ambulante, mas aparecem em menores proporções em todas os outros períodos de tempo de atividade. A diferença é maior para aquelas que trabalham há mais de 15 anos na atividade (83 % são homens) e acima de 20 anos de atividade (90 % são homens).

Assim, a possibilidade de as atividades informais se constituírem em um campo de reinserção profissional parece prevalecer para as mulheres, já que elas ingressaram recentemente, mas encontram-se acima dos 40 anos de idade. Surge, no entanto, outra possibilidade: o ingresso das mulheres no mercado de trabalho se deu, predominantemente, em atividades que sempre foram consideradas, no campo das representações e estereótipos, como próprias delas ou adequadas a elas. Existe a possibilidade de restrições culturais e sociais terem atuado sobre a inserção das mulheres em atividades exercidas em local público – nas

ruas, com exposição a vários tipos de riscos.

Entretanto, o fato de o comércio ambulante, tal como hoje é exercido nos principais pontos de uma cidade em crescimento, ter sido restritivo ao ingresso das mulheres, deve ser considerado em função das condições de trabalho e do tipo de mercadoria comercializada, já que, em Salvador, as mulheres sempre dominaram a venda de certos tipos de alimentos, a exemplo do acarajé e outros alimentos considerados típicos, certamente, em função da especialidade do seu preparo. Recorre-se, aqui, à noção de divisão sexual do trabalho. Hirata (1997) defende a abordagem que propõe um modelo de conciliação entre vida profissional e vida familiar, analisadas de modo articulado.

Kergoat (*apud* Hirata, 1997, p. 35) define a divisão sexual considerado-a como um aspecto da divisão social do trabalho que envolve a dimensão opressão e dominação. Assim, para Hirata, a divisão social e técnica do trabalho é duplicada em uma hierarquia clara do ponto de vista de relações sexuais de poder. A divisão sexual do trabalho é indissociável das relações sociais de sexo (gênero), que são relações de desigualdade, hierarquia, assimetria e antagonismo. Nesse sentido, os aspectos da conjuntura econômica atual, as transformações ocorridas no interior da família e as relações de gênero tornam-se, então, relevantes para a compreensão das formas de inserção no mercado de trabalho.

Isso também pode prevalecer se reduzimos os pontos de comparação entre as faixas etárias aqui focalizadas, permitindo uma aproximação da geração de trabalhadores mais velhos – aqueles que se encontram na faixa de 50 a 59 anos – com aqueles que se encontram acima dos 60 anos. Buscam-se, assim, outros elementos que apoiem ou neguem a possibilidade de reinserção ocupacional, retomando-se a afirmação inicial de que, longe de consistir em alguma regra geral, os dados podem melhor indicar o interesse de reconsiderar tendências e padrões consagrados quanto à relação entre o ciclo de vida e o mercado de trabalho.

A origem familiar dos indivíduos focalizados está relacionada a um contexto social que evi-

dencia uma situação de classe, verificando-se, com maior frequência, a existência de trabalhadores rurais na geração paterna desses trabalhadores. Isso é verdade para 9 dos vendedores ambulantes que se encontram entre os 50 e 59 anos e para 3 dos que se encontram acima de 60 anos. Nas demais situações, seus pais eram pedreiros, empregados no comércio ou em serviços, e poucos eram operários de ofício ou tinham pequeno negócio. Na geração materna, verifica-se uma maior frequência de domésticas (donas de casa), o que corresponde à metade do primeiro grupo etário acima referido, e à mesma proporção para os maiores de 60 anos. Nos demais casos, suas mães eram costureiras ou bordadeiras e, em poucos casos, eram trabalhadoras rurais, vendedoras, encontrando-se uma professora na geração materna dos ambulantes pesquisados.

Já entre os feirantes, as suas características mais próximas à visão mais comum do trabalhador informal se confirmam quanto à sua origem rural. Contesta-se apenas a pressuposição de serem essas atividades transitórias. Entre os feirantes aqui focalizados, encontram-se alguns dos mais antigos trabalhadores da feira de São Joaquim.

Como exemplos, temos M., nascido em Tanquinho de Feira (Ba), atualmente com 77 anos, originário de família de lavradores. Ingressou na atividade comerciando com galinha e ovos, quando ocorreu o grande incêndio na feira, o que lhe acarretou prejuízos financeiros, além de acidente com seus filhos. Em suas memórias, estão, entre outras, as lembranças desse incêndio,

... eu tinha uma questão política com dois soldados e um cabo, e o incêndio começou na boca de lobo, na frente da barraca de José e da minha; então, eles (soldados) como tinham aquela queixa, disseram que o incêndio começou na minha barraca.

Merece destaque um dos feirantes. Com 85 anos de idade, C. nasceu perto de Nazaré (Ba) e diz que "... sempre trabalhou como empregado, mas procurando criar alguma coisa". Trabalhou como funcionário de algumas empresas como a Chadler, e depois numa construtora civil, da qual

se aposentou. Argumenta que sempre procurou criar alguma coisa (um negócio), “porque a família é muito numerosa e carente de mim”.

O argumento citado confirma que o domínio por esse contingente de trabalhadores de uma experiência profissional lhes permite criar meios autônomos de sobrevivência. A experiência adquirida com a idade se torna, então, um elemento importante para a criação de tais meios, constituindo-se em um tipo de competência. (Silva; Barbosa, 2001).

Segundo os argumentos do feirante em destaque,

por isso (família numerosa), nunca parei, já fiz pré-moldados na Boca do Rio, já tive um cinema, já trabalhei na Petrobrás, fui empregado do petróleo; passei a vender roupas na construção civil; tive restaurante chamado de ‘cai duro’ na construção civil (a denominação ‘cai duro’ refere-se a restaurante dos peões). E venho lutando com isso, cheguei a ter uma boa fábrica de produtos de amendoim.

Um outro feirante, N., com 70 anos de idade, nasceu em Santo Antônio de Jesus (Ba), em família numerosa. O pai trabalhava na roça,

era lavrador: café, fumo, mandioca, fazia essas coisas. Minha mãe também era lavradora, criou a gente lá na roça. Foram 18 irmãos; no final, morreram 3, tenho 15 irmãos vivos.

Encontramos, ainda, mais alguns feirantes acima de 60 anos com trajetórias semelhantes. S. tem 67 anos, nasceu em Mutuípe (Ba):

Meu pai trabalhava na roça, com frutas, com verduras. A mãe trabalhava com frutas, verduras, a roça era deles. Dividia a metade, a plantação que fazia era dividida com o dono da fazenda.

SJ nasceu em Jaguaripe (Ba), tem 63 anos:

Meu pai trabalhava como pescador, a mãe era lavadeira. A família era de oito irmãos, tinha diversos parentes morando perto.

OT. tem 66 anos, nasceu em Ubaíra (Ba), e também veio de família numerosa:

O pai trabalhava em fazenda, a mãe era doméstica. Nunca tivemos riqueza. Sempre trabalhava pra conta de viver. Vim pra aqui pra Salvador puro (sem dinheiro) e, graças a Deus, nunca passei um dia de fome. Minha mãe teve 18 filhos, mas morreram tudo, eu sou o primeiro.

Um outro feirante recorda:

São 34 anos de Feira. Estou aqui sempre trabalhando, sempre muda o negócio. Quando eu cheguei não tinha nada, não tinha dinheiro, tava assim no meio da rua, comprava uma coisa assim e vendia.

## A INSERÇÃO NA ATIVIDADE ATUAL

Entre os eventos localizados com as entrevistas e histórias de vida, encontra-se a forma de início da atividade atual, em correspondência com um contexto social. Para os ambulantes que se encontram entre os 50 e 59 anos (26 entrevistados), a forma mais freqüente de início da atividade corresponde a situações de iniciativa própria e reinserção ocupacional, seja após uma aposentadoria, ou por aplicação de recursos recebidos ao interromper uma atividade anterior. Com menor freqüência, esse início se deu como aprendiz ou ajudante, em negócio familiar, ou através de parente, amigo, ou vizinho.

Na geração dos ambulantes que se encontram acima dos 60 anos (9 entrevistados), a forma mais freqüente é também a iniciativa própria ou a reinserção ocupacional. Segundo alguns relatos:

- Depois de ser ajudante de encanador na construção civil, resolvi sair e tentar a vida como autônomo;
- Quando saí da loja X, ouvi conselhos e fui começando a comprar alguma mercadoria;
- Me aposentei de uma indústria e passei a comprar alguma coisa para vender.

Parte da trajetória dessa geração, no mercado de trabalho, indica que a última ocupação exercida, primeiramente entre os que se encontram entre 50 a 59 anos, corresponde a atividades como a de operários ou técnicos semi-qualificados, a exemplo de técnico em edificações, pintor de automóveis, operador da Coelba, técnico em eletrificação (7 casos), enquanto outros eram trabalhadores em serviços, a exemplo de entregador de material, motorista, cobrador de ônibus, vigilante, porteiro (5 casos), encontrando-se poucos empregados no comércio (4) e na construção civil (1 caso). Nessa faixa, cabe um destaque para as mulheres,

cujas ocupações anteriores eram: empregada doméstica (2), comerciária, caixa em loja, empregada em creche, ou trabalhadora autônoma. Nesse caso, as oportunidades encontradas no mercado de trabalho são condizentes com as informações divulgadas em diferentes trabalhos quanto ao crescente ingresso de mulheres nos serviços pessoais (domésticas, e outros, como manicures e cabeleleiras), além de outros serviços e do comércio em geral.

Para o grupo dos homens de 60 anos e mais, encontramos o mesmo tipo de experiência anterior à atividade atual, pois exerciam ocupações como técnicos ou operários semiqualeificados, ajudante de encanador, operadores de máquinas, enquanto outros atuavam nos serviços, como porteiro, carregador, ou ainda, na construção civil, como pedreiro, encanador e ajudante de pedreiro. Assim, nas duas faixas etárias superiores aos 50 anos, os indivíduos apresentam alguma experiência e qualificação, constatando-se também diferentes situações de reinserção ocupacional, uma vez que o ingresso no comércio informal se deu após a saída de algum tipo de emprego. Isso se comprova pelo fato de a atividade anterior ter sido exercida predominantemente com carteira assinada, situação que corresponde a 16 casos daqueles que se encontram entre os 50 e 59 anos (total de 26) e a 6 casos entre as pessoas que se encontram acima dos 60 anos. Como na atual situação de vendedor ambulante não existe carteira assinada ou qualquer garantia trabalhista, vê-se que a precarização do trabalho torna-se mais grave diante da idade dos indivíduos e da ausência de perspectiva de aposentadoria.

Entre os feirantes, o início da atividade atual é lembrado em função do tipo de mercadoria e da localização interna à feira, o que confirma a descrição de Lobo *et al* (ibidem) em relação à divisão espacial, na qual os atacadistas ocupam o espaço central e os demais se distribuem na área de acesso à feira, como indicam em seus relatos:

Aqui a gente começou lá na frente, depois a gente veio descendo, agora nós estamos trabalhando aqui (na barraca). Dinheiro naquele tempo era pouco, a gente comprava um saquinho de grãos, ou frutas, vinha, vendia e depois pagava.

Nessa referência à localização espacial, existe a associação à instabilidade do pequeno comércio. Segundo os relatos:

- Uns estão plantados em suas barracas, uns compram fiado pra depois pagar;
- Aqui a gente compra no caminhão. Quando o caminhão chega e descarrega, aí a gente chega e tira a quantidade que deve comprar. É todo dia. Vende e compra.

Confirmam-se como fatores igualmente importantes o peso da tradição familiar e a experiência nas relações pessoais (FIBGE, 1997) para a inserção na atividade de feirante, como se pode ver nos relatos:

- Comecei com dona Julita e Rosalindo, um casal de Serrinha que negociava galinha e ovos e me levou para a feira, e lá eu comecei com essa mercadoria;
- Meu pai me chamou e disse que eu não ia achar nada ficando parado, comecei ajudando o pai”;
- Tenho vinte anos de feira, eu comecei, tem uma base de uns vinte anos já, que é o tempo que estou com a segunda mulher; trabalhava no Paes Mendonça, que me mandou embora, eu peguei e comprei a barraca, com um irmão. E no negócio dessa barraca, os prefeitos foram entrando, e foi criando barraca de chapa. Eu estava desempregado e fiquei trabalhando com carro de mão, por causa da família, para ninguém morrer de fome. Depois apareceu um vereador aí, que arrumou outro local pra gente botar, fui mudando de um canto para o outro.

## JORNADA DE TRABALHO E AQUISIÇÃO DAS MERCADORIAS

Silva, (1982), em estudo realizado com trabalhadores informais em Recife, observou que suas estratégias de vida estavam condicionadas tanto à jornada individual de trabalho, quanto ao ciclo de vida das pessoas e de suas famílias. A ampla oferta de trabalho e a falta de regulamentação possibilitam a extensão do tempo de trabalho. E como forma de repor a defasagem na renda dos chefes de família, outros membros são inseridos no mercado de trabalho, ainda que a renda total não alcance os níveis anteriores.

A extensão da jornada de trabalho em atividades ligadas ao comércio é justificada diante do menor esforço físico. Entre os casos comentados pelo autor, encontram-se os trabalhadores por conta

própria com demanda irregular – considerados pela maior jornada dentre todos, visto que estão sempre à disposição do trabalho e passam muito tempo procurando ocupação. Essa informação se ajusta aos vendedores ambulantes pesquisados em Salvador. Cerca de metade deles informa trabalhar durante seis dias na semana (50,5%), enquanto vários outros trabalham sete dias (25,5%) e uma menor parte informa atuar cinco dias (19,7%). Mas a jornada é superior a 8 horas para a maioria, totalizando 10 horas (18,7%), 12 horas (18,7%), ou acima de 12 horas (14,4%). Assim, aplica-se a esses casos a observação de Silva de que “estão sempre à disposição do trabalho e passam muito tempo procurando por este” (Silva, 1982, p. 19).

Semelhante ao que ocorre com os vendedores ambulantes, existe uma extensão da jornada de trabalho entre os feirantes, o que ganha uma outra conotação, se lembrarmos que vários deles estão entre os 70 e até 80 anos:

Eu me levanto quatro horas da manhã, todos os dias, cinquenta e tantos anos de feira, todos os dias; já botei pra fora tamarindo, saco vazio, umbu se tiver, o meu circo é armado aqui. Aí espero o freguês entrar na feira, cinco horas da manhã, mas a gente que é feirante tem que estar antes no ponto. Então, cinco horas encontram tudo arrumadinho.

Embora não constitua uma regra geral, o horário passa a ser incorporado às práticas dos feirantes, como pode ocorrer em geral no trabalho autônomo, que cria suas próprias regras:

- Não tem horário preestabelecido por ninguém, mas não costumo faltar;
- Venha aqui umas cinco horas da manhã, você nem entra, aqui vem vinte a trinta caminhões de frutas, legumes, cereais e verduras, todo dia;
- Precisa levantar muito cedo; quatro horas da manhã isso aqui já fervilha de gente. Encerra às 18 horas, os portões fecham, mas o pessoal fica até a hora que quiser;
- Minha rotina é de 5:30h da manhã até às seis horas da tarde, horário que a feira fecha. Todos os dias. Agora domingo, é até meio-dia, uma hora da tarde;
- Minha rotina é de acordo, 4:30h, 5 horas estou aqui, comprando e vendendo;
- Quando o portão abre às 5 horas, já tem metade aí dentro trabalhando, descarregando carros, essas coisas”;

- Eu mesmo chego aqui 6:40h, 6:20h., mas, quando eu chego aqui já tem gente trabalhando, movimentando, às 5 horas.

A origem e o aporte próprio de recursos e a pequena escala de produção definem o tipo de mercadoria, ou o produto comercializado, o que se diferencia da situação dos ambulantes, que trabalham com produto industrializado ou artesanal, por exemplo. A forma predominante de aquisição da mercadoria é o comércio atacadista (37%), mas freqüentemente a compra se faz através de intermediário (24%), ou ainda no comércio varejista ou supermercado (19%). Mas os vendedores também compram direto de uma fábrica (5,3%), e às vezes têm produção própria (6,8%). Quanto aos recursos, a maioria compra suas mercadorias à vista (69,4%), poucos a prazo (12,7%), ou ainda, nas duas modalidades (17,9%). Do mesmo modo, na feira livre de São Joaquim, a aquisição de mercadorias se faz de modo semelhante, prevalecendo, também, o comércio atacadista e outras práticas por eles relatadas:

- Aqui é uma área de carga e descarga, então entra toda mercadoria, que vem do Recôncavo, Ipiaú, acumula vinte caminhões, é manga, umbu, tamarindo, farinha, feijão, vem de toda essa região para São Joaquim, para descarregar; quinta-feira, e quarta são os dias que tem mais caminhão aqui na área;
- Esses que têm mais dinheiro até facilitam as compras para aqueles pequenos, que ficam na mão deles; eles facilitam compra para quinze, trinta dias e isso facilita a vida dos feirantes, para se relacionar melhor;
- A minha mercadoria vem do interior (aponta uma barraca cheia de tamarindos), eles me dão um prazo de quinze dias para eu pagar, quando chega o dia, se vê que não vendeu a mercadoria, dá outro prazo;
- A gente fica com amendoim, tudo isso é a safra. O amendoim está barato, e às vezes fica parado, e tem esse negócio de saco vazio, vendo os umbus e a sacaria fica, e eles lavam e retornam, vem lhe vender;
- Vem todo tipo de mercadoria, a área aqui é de carga e descarga, e tem os feirantes que vendem só uma coisa, feijão por exemplo. Mas nessa área de carga e descarga é só fruta, é o caso de tamarindo, laranja, umbu. Na hora que falta alguma coisa aqui eu pego dez sacas de umbu e vendo na frente da barraca.

Incorporando tais práticas, as formas de aquisição das mercadorias determinam os limites

do pequeno negócio, conforme os relatos:

- Não tem local certo de comprar; em qualquer lugar que a gente achar mais em conta, a gente compra. Compra às vezes no carro que faz entrega, compra no depósito, onde achar mais barato a gente compra;
- Não tem tempo determinado, porque não compro em quantidade, pra quem vende assim; só que nós não vendemos em grosso, por enquanto a gente vende no retalho, aí vou comprando aos poucos, para a mercadoria não ficar velha.

Desse modo, o desenvolvimento do pequeno comércio de alimentos e mercadorias também pode incluir pequenos beneficiamentos dos produtos:

- Aqui mesmo, o feijão, vem tudo na porta, entrega já pronto pra trabalhar, a gente vai beneficiar, industrializa, e vende;
- A mercadoria vem de Cruz das Almas, quase duas vezes na semana, três vezes, porque os caminhões não param. Eu não gosto de assumir essa condição, de débito.

## FAMÍLIA E SOCIABILIDADE NA GERAÇÃO DOS AMBULANTES E FEIRANTES

As relações de família, vizinhança e amizade encontram-se presentes no segmento pesquisado como expressão da sociabilidade primária, caracterizada pelas relações próximas, geralmente centralizadas na família, que vem passando por mudanças e novos arranjos domiciliares, já incorporados pela população local. Retomando-se a totalidade dos vendedores ambulantes pesquisados (191 casos), constata-se uma predominância de pessoas casadas (38,2%), ou que vivem em concubinato (17,8%), perfazendo um total de 56,0%. Isso é compatível com o momento do ciclo de vida, pois, existe uma predominância dos entrevistados acima dos 40 anos. Os demais são solteiros (32,5%), separados ou divorciados (8,9%) e viúvos (2,1%). Em função do ciclo de vida, também nos dois grupos etários que configuram a geração em foco, há predominância de pessoas casadas (12 casos) ou que vivem em concubinato (1 caso), e, em muitos casos, as suas famílias já se desenvolveram. Entre eles, existem ainda alguns que se dizem divorciados (6 casos), viúvo (1 caso) ou solteiro (2 casos).

Já entre as mulheres, há predominância das casadas ou em convivência (4 casos), divorciadas (2 casos), existindo ainda uma viúva e uma solteira.

Na faixa etária acima dos 60 anos, existem 6 homens casados ou em convivência, 1 divorciado e 2 solteiros. O sustento da família, atribuído ao entrevistado em proporção significativa, demonstra que ele é o único chefe provedor entre 11 dos homens que estão na faixa de 50 a 59 anos, mas a responsabilidade é dividida pelo casal em 6 outros casos. E, entre as mulheres, existem 5 delas que se identificam como chefes de famílias e mais 3 que dividem essa função com o companheiro.

Na geração dos ambulantes sexagenários, existem 3 homens solteiros que vivem sozinhos. Entre os casados, alguns são os únicos chefes provedores (4 casos) e poucos dividem, como casal, o sustento de sua família (2 casos). A composição familiar encontrada nesse grupo não se afasta do padrão hoje existente na família urbana, na qual o arranjo familiar mais freqüente, no grupo etário anterior, dos 50 a 59 anos, corresponde ao casal com 1 a 3 filhos, situação presente entre 9 homens identificados como chefes de família. Também entre os sexagenários existem 2 homens cujas famílias se compõem de 1 a 3 filhos, mas os demais arranjos encontrados na faixa anterior correspondem a 4 casos, cujas famílias têm mais de 3 filhos, além de outros arranjos domiciliares, como homem com filhos e homem solteiro. A maior família encontrada nesse caso corresponde a um vendedor ambulante com esposa e 6 filhos, que exerce sua atividade na Avenida Joana Angélica, nascido em Salvador, com o 1º grau incompleto.

As mulheres que se encontram acima dos 50 anos fazem parte de três tipos de composição familiar: são casadas com 1 a 3 filhos (3 casos), são chefes de família com 1 a 3 filhos (4 casos), ou convivem com outros parentes (2 casos). Já no grupo etário acima de 60, existem 3 homens solteiros que vivem sozinhos e 2 casais sem filhos. A maior família encontrada no grupo dos mais velhos corresponde a um ambulante que se encontra com 73 anos de idade, exercendo sua atividade no bairro da Liberdade, cuja família se compõe de 5 pes-

soas, incluindo 1 neto. Nesse caso, sua renda familiar correspondia a aproximadamente R\$ 1.750,00 em 2002.

Cabe lembrar que, entre os primeiros critérios definidos para a conceituação do trabalho informal, segundo a OIT (1972, *apud* Cacciamali, 1991) estariam: a) a facilidade de ingresso; b) a origem e aporte próprio de recursos; c) a propriedade familiar do empreendimento; d) pequena escala de produção; e) uso intensivo do fator trabalho. Já indicamos anteriormente que os dois primeiros critérios podem ser relacionados à forma de ingresso e origem dos recursos para a aquisição de mercadorias descritas acima, mas os demais critérios citados também estão presentes em graus variados: 57,4% dos ambulantes afirmam que os parentes o ajudaram a começar nessa atividade. Para um outro grupo, equivalente a 28,7%, a ajuda de amigos foi o que prevaleceu, e poucos contaram com ajuda de vizinho ou colega. As relações sociais próximas podem funcionar no exercício da atividade, desde a forma da inserção até o enfrentamento de problemas e dificuldades que eventualmente ocorreram no seu cotidiano, a exemplo de um trabalhador “tomar conta” da mercadoria de outro no horário de almoço, ou de breve ausência, ou ainda em substituição, no caso de um ambulante se encontrar impossibilitado de trabalhar. Uma outra situação peculiar ao seu trabalho, em que prevalecem as relações pessoais, é a defesa mútua ante a ação arbitrária da fiscalização – o “rapa”.

Entre os ambulantes mais velhos, a atividade pode ser exercida, de preferência, de forma individual ou isolada, o que prevalece entre os cinquentenários (19 casos) e também entre os sexagenários (8 entre os 9 casos aqui focalizados), embora no primeiro grupo existam 3 pessoas que atuam com parentes, como sobrinhos. Contrastando-os com o conjunto dos ambulantes focalizados na pesquisa, verifica-se que cerca de 26% do total exerce a atividade com outra pessoa: trabalha com o cônjuge (18%), ou trabalha com irmão ou irmã (18%). Percebe-se, então, que esse tipo de divisão de trabalho – geralmente com parentes – ocorre

entre os vendedores mais jovens, sendo frequentes as situações de ajudantes de irmãos, de outros parentes, ou uma sociedade familiar – o casal atuando em conjunto.

Diante do conjunto de informações apresentadas, entende-se que os movimentos e a dinâmica das atividades que eram consideradas como “tipicamente capitalistas” criam configurações para outras atividades formais e também propiciam espaços econômicos que podem ser explorados por pequenos produtores e trabalhadores por conta própria, de modo que as atividades informais existentes sobrevivem, morrem ou se transformam e, incessantemente, outras possibilidades para produtores informais vão sendo geradas (Cacciamali, 1991, p. 126). Supõe-se, assim, uma coexistência entre os setores formal e informal, que ocorre em todas as economias industrializadas.

Os pequenos produtores e trabalhadores por conta própria aqui focalizados ilustram muito bem o tipo de oportunidade encontrada (ou a falta dela), em sua geração, para garantir a sobrevivência. Eles representam uma situação de classe, na qual procuramos encontrar certa identidade de condições de existência, o que tende a produzir sistemas de disposições semelhantes tanto no trabalho como na vida privada e familiar.

Considerando os sexagenários como os mais representativos da geração aqui focalizada, ao viverem por mais tempo as condições possíveis à atividade na qual encontraram os meios para a sua sobrevivência, é interessante conhecer agora algumas características de suas trajetórias. Para isso, consideramos aqui a orientação de Bourdieu (1996, p. 189):

A análise crítica dos processos sociais... conduz à noção de trajetória como série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente, ou grupo de agentes, num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações.

Recolocamos em destaque o mais velho dos ambulantes encontrado na pesquisa. Aos 73 anos, ele exerce essa atividade após uma aposentadoria (como agente de serviços gerais na Coelba – Companhia Elétrica). Trabalhou antes como porteiro

em uma empresa, durante dez anos, e saiu porque ganhava pouco. Diz que começou na atual atividade “para não ficar em casa” e, utilizando recursos próprios,

fui comprando aos poucos as mercadorias, os próprios fregueses ajudavam, sugerindo produtos: condimentos, folhas e também alguns artigos de plástico.

Falando sobre o seu cotidiano de trabalho, ele define:

sou um camelô fixo, não o que anda por aí. Vendo durante as horas que permaneço aqui (cerca de 6 horas diárias) e o resto do dia vou comprar mercadoria (com o dinheiro ganho naquele dia).

Juntando a aposentadoria e a renda de vendedor, ele informa ganhar cerca de R\$ 1.000,00 (em 2002).

Embora esse representante de uma geração declare que começou a trabalhar nessa atividade “para não ficar em casa”, vê-se que mais de metade da sua renda vem desse trabalho, já que a aposentadoria é insuficiente, e ele declara, em outro momento, que seu filho mais velho contribui com a pequena parcela de R\$ 100,00. Diz que “não fica aborrecido”, demonstrando que tem expectativa de que esse filho possa partilhar com ele as despesas familiares.

Outro vendedor (62 anos) exerce a atividade há cerca de 12 anos. Anteriormente, trabalhou como empregado em uma empresa de perfuração de poços de petróleo, como ajudante de operação, tendo permanecido nessa empresa por cerca de 15 anos. Atualmente, ele diz que trabalha como camelô, vendendo acessórios e peças para eletrodomésticos, rádios e pilhas. Começou na atividade com recursos próprios e “aos poucos fui comprando algumas coisas para revender”. Ele compra as mercadorias em sociedade com dois outros camelôs e não se considera dono do ponto onde trabalha. Informa atuar nessa atividade por 6 dias na semana, permanecendo no local por cerca de 12 horas; sua renda mensal informada é de cerca de R\$ 350,00.

Em outro caso, o vendedor (64 anos) exerce a atividade há 14 anos. Trabalhou sempre como “biscateiro”, como carregador, pedreiro, encanador,

e depois colocou um caixote para vender cigarros e fichas telefônicas, conseguindo posteriormente colocar uma barraca e ampliar a oferta de mercadorias. Trabalha 6 dias na semana por 8 horas e, falando do seu cotidiano, acrescenta:

às vezes eu venho sem vontade, venho porque sou obrigado, para sobreviver, a venda é pouca, não dá lucro.

Ele não informa qual a renda auferida no seu trabalho.

Quanto aos planos de futuro e grau de satisfação com a atividade desenvolvida, encontramos, no conjunto dos ambulantes abordados (191), 57 % pretendem continuar na atividade e 41 % não pretendem. No primeiro caso, os motivos indicados são a “satisfação, porque gosta desse trabalho”, ou a “falta de oportunidade de emprego”, ou ainda “a falta de emprego devido à idade”.

Na geração focalizada, o vendedor acima destacado não pretende continuar nessa atividade: “assim que vender uma casa que tenho, pretendo me dedicar à obra de Deus (Testemunha de Jeová) e vir aqui esporadicamente”. O segundo também não pretende continuar na atividade, porque está cansado: “se a coisa melhorar, eu gostaria de sair, para o interior”. Quanto ao terceiro, esse não tem planos de deixar de exercer essa atividade: “Para onde vou, se sair daqui? Enquanto tiver saúde, estou por aqui... Na idade em que estou, ninguém aceita em lugar nenhum”.

Entre os feirantes, o grau de satisfação é maior, e a sociabilidade é um elemento de forte referência que prevalece entre os barraqueiros:

Os feirantes são tudo legal aqui, me ajudam, às vezes tem uma briguinha, mas a gente leva no peito, fica tudo a mesma coisa. Eu não tenho nada contra ninguém.

Nessa forma de sociabilidade, alguns tendem a representar a feira superando a visão comum de um simples local de trabalho:

- A Feira, eu acho boa, porque eu vivo dela há muitos anos; agora, falta muita coisa, não tem a limpeza necessária, não tem o apoio necessário, a gente sente falta de muita coisa, a segurança mesmo. Enfim, eu acho que precisava de um

crediário, um juro menos, mas não tem, não. A gente que se vire;

- A feira representa uma coisa muito boa para o povo pequeno. Olha, tem gente que não tem um tostão em casa, sai de lá de manhã e chega aqui e sai com algum dinheiro. O carregador, esse povo que empurra o carrinho, que carrega boi, tudo isso eles arranjam, aqui sai com alguma coisa. Mulheres que arranjam comida para os meninos. De qualquer maneira, eu acho que a feira representa pro povo pequeno uma coisa boa. É um meio de sobrevivência.

O grau de satisfação também transparece na visão dos feirantes sobre a sua independência no trabalho, compreendida por essa geração como a sua forma de autonomia, ainda que em condições precárias:

- Independente sou, porque a pessoa trabalha pra si mesmo, não é pra patrão, onde tem horário de pegar, tem horário de largar, se queimar o dia vai pra rua, fica sem emprego;

- Fui eu quem criou tudo, sou eu que faço, sou eu que determino, sou eu que conheço, modéstia a parte, não tem dificuldade nenhuma em inventar alguma coisa, beneficiar o meu trabalho. Essa loja, para o ano, ela vai estar bem modificada, estou trazendo já um freezer para vender meu produto já embalado, com sacos timbrados, congelados, num padrão digno, aqui tudo limpinho, tudo arrumado da maneira como manda o figurino;

- Me considero independente, porque vivo do meu movimento mesmo. Agora, a gente se aperta mesmo, o cheque está vencendo, mas sou independente.

Mas a satisfação com a condição de feirante contrasta com a insatisfação relativa à atuação do sindicato que administra o local:

- A atuação do sindicato, em termos de paz, é muito boa; mas, em termos de progresso, não é grande coisa, porque ele não é um sindicato forte, é um sindicato dominado pela política, por políticos. Porque um dos diretores é político, sempre foi e é da feira, chama-se até de feirante;

- Foi ele quem comandou isso aqui, mas olha aí, quando eu vejo um homem comandar uma feira dessa politicamente, em várias legislações ele foi eleito e, hoje, a feira está nessas condições, é porque ele não cuidou da feira, ele cuidou só da política.

## CONCLUSÃO

Ao longo do presente trabalho, buscamos refletir sobre a relação entre o ciclo de vida e o

mercado de trabalho, enfatizando a permanência e o prolongamento da vida produtiva e destacando as condições enfrentadas por parte de uma geração da classe trabalhadora baiana.<sup>9</sup> Trata-se, então, de uma experiência que resulta do desenvolvimento de práticas, conhecimentos, e estratégias de trabalho e de vida que se consolidaram através do percurso de vida de uma geração, tornando-se elementos importantes para assegurar os mecanismos de sobrevivência, tal como os descrevemos.

### Os grupos ocupacionais focalizados

não são apenas o produto do desenvolvimento capitalista na economia baiana. A sua forma histórica indica que o varejo tradicional, as inúmeras ocupações relacionadas à prestação de serviços, ou mesmo o representativo contingente da produção artesanal não tipicamente capitalista, pré-existiam ao momento atual do capitalismo na Bahia.

A persistência de certas ocupações típicas na cidade e a sua reprodução remetem a certa historicidade, levando à busca de explicações sobre o fato de, em Salvador, o setor terciário sempre ter tido um papel decisivo. São atividades informais do tipo do comércio ambulante, dos pequenos prestadores de serviços, do emprego doméstico remunerado e das feiras (Secretária da Indústria e Comércio, 1985, p. 17).

Os dois casos acima citados – o vendedor ambulante e o feirante mais velhos, respectivamente, com 73 e 85 anos de idade – demonstram os tipos de estratégias de trabalho e de vida que configuram um modo específico de permanência e prolongamento da vida produtiva. Elas correspondem, em ambos os casos, a formas de reinserção ocupacional, uma vez que nossos personagens exemplares se aposentaram e reingressaram no mercado de trabalho através de atividades consideradas informais, que tendem a favorecer a atuação de pessoas mais velhas. Se existe um lado positivo nos personagens em destaque, que transparece na sua capacidade de trabalho e na competência para criar os seus mecanismos de sobrevivência – “sempre procura criar alguma coisa”, como disse o feirante de 85 anos –, existe tam-

<sup>9</sup> Referimo-nos aqui a uma noção de classe trabalhadora em “sentido amplo”, sem nos atermos ao conceito formal, que a situa estritamente entre trabalhadores industriais.

bém o outro lado, que está presente na principal característica da informalidade – a ausência das garantias trabalhistas, especialmente de perspectivas de aposentadoria nessas atividades.

Entretanto, as características ressaltadas, ilustrativas das respectivas trajetórias, não são facilmente generalizáveis. Em relação aos feirantes, a continuação do presente estudo de caso<sup>10</sup> indica que, entre outros pesquisados, mais de metade atua há cerca de 20 anos na feira e, em sua maioria, existe uma trajetória relacionada a uma série de atividades ligadas ao pequeno comércio, ou à prestação de serviços, enquadradas, de um modo geral, no que se convencionou chamar de atividades informais. Também, entre os vendedores ambulantes, “a irregularidade que ganha estabilidade” é visível, quando focalizados segundo o tempo de exercício na atividade e a faixa etária, o que nos conduziu à geração em foco. Mas uma outra parte deles, sendo mais jovem, apresenta outros traços, como uma possível transitoriedade, não pertinente ao presente trabalho.

(Recebido para publicação em setembro de 2004)  
(Aceito em outubro de 2004)

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Paulo Henrique; AZEVEDO, José Sergio Gabrielli, *Perfil sócio-econômico do trabalhador informal de Salvador*. Salvador: 1999. Relatório Final.
- BALAN, Jorge; JELIN, Elizabeth. La structure sociale dans la biographie personnelle. *Cahiers Internationaux de Sociologie*. [S.l.], v. 69, 1980.
- BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, Renato (Org.). *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983. p. 61 (Coleção grandes cientistas sociais).
- \_\_\_\_\_. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, M. (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- \_\_\_\_\_. *La distinction: critique sociale du jugement*. Paris: Éd. Minuit, 1979.
- CACCIAMALI, Maria Cristina. As economias informal e submersa: conceitos e distribuição de renda. In: CAMARGO, J. M.; GIAMBIGI, F. (Orgs.). *Distribuição de renda no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. p. 121-143.
- CACCIAMALI, Maria Cristina *et al.* *Desafios da modernização e setor informal urbano: o caso do Brasil*. Lima: Oficina Internacional de la OIT para America Latina y Caribe, 1998. (Documento de trabajo, n. 72).
- CACCIAMALI, Maria Cristina. Globalização e processo de informalidade. *Economia e Sociedade*, Campinas, Unicamp/Instituto de Economia, n. 14, jul., 2000, p. 153-175.
- CAMARANO, Ana Amélia; GHAORI, Solange K., *Famílias com idosos: ninhos vazios? Textos para Discussão*, Rio de Janeiro, IPEA, 2003.
- CARVALHO, Inaiá M.; SOUZA, Guaraci A. A produção não capitalista no desenvolvimento do capitalismo em Salvador. In: \_\_\_\_\_; FARIA, Vilmar (Orgs.). *Bahia de todos os pobres*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- FIBGE, *A economia informal*. Rio de Janeiro, 1997.
- GUIMARÃES, Iracema Brandão. Características de um mercado de trabalho e participação familiar. *Caderno CRH: revista do Centro de Recursos Humanos da UFBA.*, Salvador, n. 14, 1991.
- \_\_\_\_\_. As atividades informais: uma abordagem sobre trabalho e condições de vida no meio urbano, *Relatório de Bolsa de Produtividade em Pesquisa*. [S.l.]: CNPQ, 2004.
- HIRATA, Helena, Division sexuelle du travail: état de connaissances, In: SOARES, Ângelo (Org.). *Stratégies de résistance et travail de femmes*. Paris: Harmattan, 1997.
- MELO, Hildete; TELES, Jorge. Serviços e informalidade: o comércio ambulante no Rio de Janeiro, *Textos para Discussão*, Rio de Janeiro, IPEA, n. 773, 2000.
- MONTALI, Lilia. Família e trabalho na reestruturação produtiva: ausência de políticas de emprego e deterioração das condições de vida. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 15, n.42, p. 55-71, fev.2000.
- MOTTA, Alda Britto da, Os velhos baianos (e a música é cada vez mais nova). *Bahia: Análise & Dados*, Salvador, SEL, v. 6, n.1, p. 125, jun. 1996.
- LOBO, Ana; MOURA, Jorge; MELLO, Maria Alba. Um mercado persa afro-brasileiro. *Revista do Centro de Planejamento Municipal*, Salvador, n. 4, 1992.
- SANTOS, Milton. *Pobreza urbana*, 2.ed. São Paulo: Hucitec, 1979. (Coleção estudos urbanos).
- SECRETARIA DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO. *O gigante invisível*. Salvador: Governo do Estado da Bahia, 1985.
- SILVA, Jailson de S.; BARBOSA, Jorge L. *O sentido do trabalho informal na construção de alternativas socioeconômicas e o seu perfil no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IETS, 2001.
- SILVA, Luiz Antonio Machado. (Org.). Estratégias de vida e jornada de trabalho. In: \_\_\_\_\_. *Condições de vida das camadas populares*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982. p.83-97. (Coleção debates urbanos, n.6).
- SORJ, Bila, Vendedores ambulantes, visibilidade social e invisibilidade sociológica. *Tempo e Presença*, São Paulo, n. 43, 1990.

<sup>10</sup> Na fase final dessa etapa do trabalho (2004), foram realizadas mais vinte entrevistas com os feirantes de São Joaquim, permitindo um maior confronto de algumas das questões aqui colocadas.